

# O GRUPO OPERATIVO COMO FERRAMENTA NA SAÚDE MENTAL

*THE OPERATIVE GROUP AS A TOOL IN MENTAL HEALTH*

*EL GRUPO OPERATIVO COMO HERRAMIENTA EN LA SALUD MENTAL*

Matheus Colombari Caldeira<sup>1</sup> e Lazslo Antonio Ávila<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Faculdade de Medicina de Rio Preto, SP, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi identificar e discutir qualitativamente os artigos dos últimos cinco anos sobre a utilização do grupo operativo como ferramenta no trabalho em saúde mental. Realizou-se uma revisão integrativa nas bases de dados: Periódicos Capes e Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando os descritores em português, espanhol e inglês: grupo operativo e saúde mental, de 2014 à 2018. Os resultados apontam a frequente utilização do grupo operativo no sistema público no campo da saúde e assistência social. Observou-se a eficácia do grupo operativo na assistência à saúde mental, entretanto se mostra necessário a continuação da formação de coordenadores de grupo.

**Palavras-chave:** grupos; grupo operativo; saúde mental.

**Abstract:** The aim of this study was to identify and qualitatively discuss the articles of the last five years on the use of the operative group as a tool in mental health work. An integrative review was performed in the databases: Capes Journals and Virtual Health Library, using the descriptors in Portuguese, Spanish and English: operative group and mental health, from 2014 to 2018. The results indicate the frequent use of the operative group in the public system in the fields of health and social care. The effectiveness of the operative group in mental health care was observed, however it is necessary to continue the formation of group coordinators.

**Keywords:** groups; operative group; mental health.

**Resumen:** El objetivo de este estudio fue identificar y discutir cualitativamente los artículos de los últimos cinco años sobre el uso del grupo operativo como herramienta en el trabajo de salud mental. Se realizó una revisión integradora en las bases de datos: Capes Periodicos y Biblioteca Virtual de Salud, utilizando los descriptores en portugués, español e inglés: grupo operativo y salud mental, de 2014 a 2018. Los resultados indican el uso frecuente del grupo operativo en el sistema público en el campo de la salud y la asistencia social. Se observó la efectividad del grupo operativo en la atención de salud mental, sin embargo, es necesario continuar la formación de coordinadores de grupo.

**Palabras llave:** grupos; grupo operativo; salud mental.

## Introdução

As formações grupais sempre estiveram presentes ao longo da história da civilização, comparecendo desde antes do nascimento, numa história anterior à própria existência e que nos projeta à um futuro em sociedade (Zimerman & Osório, 1997). Assim, é impossível fazer uma separação do grupo e indivíduo, percebendo que este segundo é uma produção e efeito do primeiro, Já afirmava Freud (1921/2011, p. 61) que “o medo da criança pequena já seria expressão desse instinto gregário. Contradizer o rebanho equivale a separar-se dele, e por isso é evitado angustiosamente. Mas o rebanho rejeita tudo o que é novo, inusitado. O instinto de rebanho seria algo primário, que não pode ser decomposto”. Atrélam-se de tal maneira que ação e efeito estão interligados.

Apreendemos o grupo como mecanismo potencial para diversas mudanças no indivíduo, modificações em sua singularidade, ou em suas interações com os demais, como os processos de ensino-aprendizagem, as terapias, a inclusão social, os esportes coletivos, a fim de integrar o ser humano. Percebemos o alcance deste conceito na medida em que não nos restringimos ao pensar somente em pequenos grupos, mas avançamos para as instituições, para a política, a mídia e até mesmo as nações. Entretanto, ao definirmos um objetivo para o grupo, sua função e operacionalidade se organizam com base em determinados seguimentos, com finalidades como em reuniões institucionais, processos terapêuticos, formações de classes de estudo, o que perpetua e amplia a utilização do grupo em áreas do esporte, educação, comunidade, instituições e saúde (Zimerman & Osório, 1997).

No âmbito da saúde os processos de atenção à saúde mental começaram a observar esta relevância, de “ser uma ferramenta importante na manutenção da saúde e na inserção social do indivíduo” (Fernandes, Souza, & Rodrigues, 2019, p. 15).

Cabe repensar o conceito de saúde mental abrangendo aspectos que vão além do próprio indivíduo, evoluindo para uma corresponsabilidade, que inclua o outro.

Os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa. Por uma perspectiva transcultural, é quase impossível definir saúde mental de uma forma completa. De modo geral, porém, concorda-se quanto ao fato de que saúde mental é algo mais do que a ausência de transtornos mentais (Organização Mundial de Saúde, 2001, pp. 3-4).

Pichon-Rivière (2005, p. 40) nos adverte a respeito de estereótipos, “o doente mental, então, é o símbolo e depositário do aqui e agora de sua estrutura social. Curá-lo é transformá-lo ou adjudicar-lhe um novo papel, o de “agente de mudança social””.

Portanto, apresenta-se dinâmica e envolvendo questões interiores e exteriores ao indivíduo, abrindo então espaço para o grupo e seus potenciais, onde está “a riqueza da atividade grupal: a possibilidade de captação de determinados níveis bastante profundos e arcaicos das manifestações inconscientes (pré-simbólicos) e a possibilidade de simbolizá-las” (Mello Filho, 2003, p. 23).

Contamos com um leque de modelos de trabalho grupal, entre eles o grupo operativo, fornecendo ferramentas de ensino-aprendizagem, potencializando a autonomia do participante perante as problemáticas do cotidiano, ampliando o escopo de alternativas para mudanças e possibilidades, o que impacta diretamente em sua saúde mental. Para Pichon-Rivière (2005):

O campo do grupo operativo está povoado por papéis prescritos ou estabelecidos, que definimos em termos de pertença, afiliação, cooperação, pertinência, comunicação, aprendizagem e telê, os quais, representados na forma de um cone invertido, convergem como papéis ou funções para provocar na situação de tarefa a ruptura do estereótipo. (p. 28)

Por fim, é indagado nesta pesquisa a utilização do grupo operativo como um mecanismo capaz de auxiliar no processo de melhora na saúde mental do participante.

### Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir da metodologia de revisão integrativa, que de acordo com Ganong (1987) propõe reunir estudos em um determinado período de tempo, sendo possível sintetizá-los e extrair as principais conclusões e resultados atingidos.

Para a coleta de dados utilizou-se os descritores: grupo operativo e saúde mental, nos idiomas português, espanhol e inglês nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde e Periódicos Capes, dos últimos cinco anos, de 2014 à 2018. Optou-se por essas bases de dados por proporcionarem pesquisas feitas no campo da saúde, mas que não deixa de abranger outros campos do conhecimento.

Com o objetivo de direcionar a discussão da pesquisa, utilizou-se a seguinte questão norteadora: Há contribuições dos grupos operativos como ferramenta para o trabalho em saúde mental?

Como critérios de inclusão foram selecionados apenas trabalhos publicados em formato de artigo científico; e que trouxessem a relação do grupo operativo como ferramenta para a promoção da saúde mental. Como fator de exclusão, publicações que não faziam alusão à temática proposta.

Após a leitura dos títulos e resumos, seguindo os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas as publicações que foram submetidas à análise conforme proposta de Minayo (2008, 2010).

### Resultados

Foram encontrados no total 110 publicações como resultados da busca inicial, sendo 84 dos Periódicos Capes e 26 da Biblioteca Virtual em Saúde.

Com o objetivo de incluir apenas artigos, foram retiradas 3 teses e posteriormente 24 artigos que se repetiam. Para a exclusão de 73 artigos foram observados: a relação dos descritores com o conteúdo abordado e a verificação da utilização do grupo operativo como ferramenta, refletindo diretamente na questão da saúde mental.

É necessário ressaltar que grande parte dos artigos excluídos, compreendiam o grupo operativo como sinônimo de um grupo cirúrgico, ou seja, de situações de pré e pós cirurgia, não havendo proximidade com o conceito de Pichon-Rivière, e por consequência afastando-se dos objetivos desta pesquisa.

Depois da aplicação dos critérios, realizou-se a leitura integral da amostra final, de dez artigos (Braga, Kantorski, Coimbra, & Willrich, 2015; Dutra & Corrêa, 2015; Lourenço & Massi, 2016; Maia, 2017; Nascimento & Galindo, 2017; Padilha, Vaz, Lagares, & Anastácio, 2016; Rézio, Moraes, & Fortuna, 2018; Santos, Scatena, Ferriani, & Peres, 2015; Sánchez, Limón, Gutiérrez, Hortal, & Garcés, 2015; Souza & Santos, 2015).

É notável o impacto do ensino-aprendizagem no ser humano, meio por onde a cultura encontra sua propagação, responsável pelas mudanças de hábitos e inerente na saúde mental do sujeito. Braga et al (2015) em sua pesquisa desenvolvida com crianças em um CAPSi, diagnosticadas com depressão ou déficit de atenção, apontam os benefícios da contação de histórias no ambiente grupal, e como o grupo operativo proporciona ferramentas para a mudança e a flexibilização das resistências. Por meio das identificações com as histórias e entre si, puderam relatar sentimentos e reconstruir as próprias vivências, verbalizando a relação com o próprio sintoma, com os profissionais do serviço, saindo do campo da fantasia em direção à problematização das questões subjetivas.

Na adolescência, período de mudanças significativas no campo biopsicossocial, um estudo realizado em uma comunidade de saúde mental no sul da Espanha (Sánchez et al, 2015) articulou as melhoras dos pacientes à eficácia do grupo operativo. Foram feitos durante seis meses, semanalmente em grupos fechados, um trabalho com pacientes adolescentes de diferentes diagnósticos de transtornos mentais, exceto retardamento mental e transtornos do espectro autista. Foram aplicados testes antes e pós o trabalho grupal, sendo: SCL-90R (Checklist de sintomas 90-R), SFS (Escala de Funcionamento Social e a PSP (Escala de Funcionamento Pessoal e Social). Notou-se uma melhora na relação aos sintomas e no funcionamento pessoal e social destes pacientes.

Outro estudo também com adolescentes, mas no contexto de vulnerabilidade social, realizado em um Núcleo de Assistência Social no interior do Estado de São Paulo, a temática foi a questão da identidade de gênero, frequente na adolescência (Santos et al, 2015). Os resultados obtidos nesse estudo permitem uma reflexão sobre os estereótipos do que é vir a ser um menino ou menina, de como funcionam os papéis de homem e mulher, onde “os adolescentes integrantes do grupo se mostraram mais perspicazes e perceptivos em relação às expressões da diversidade humana, reconhecendo paulatinamente a complexidade e a pluralidade que caracteriza a vida social e comunitária na era contemporânea” (Santos et al, 2015).

Em Curitiba na Unidade Básica de Saúde, visou-se analisar as atividades dialógicas em um grupo operativo com idosos, juntamente com entrevistas semiestruturadas (Lourenço & Massi, 2016). Os resultados mostraram uma modificação no sentimento quanto a linguagem e à velhice, onde puderam reconhecer o efeito do grupo, na relação interpessoal, na linguagem escrita e na proteção oferecida pelo mesmo.

Um trabalho desenvolvido por Dutra e Corrêa (2015) em Belo Horizonte, representa uma síntese da experiência interventiva com cuidadores de idosos, do projeto Cuidador de Idosos coordenado pela Secretaria Municipal de Assistência Social. Teve o objetivo de verificar a ferramenta do grupo operativo, a partir de reflexões da práxis com direcionamento à aprendizagem, o diálogo e a intersectorialidade. O resultado apresentado corrobora para a identificação do grupo operativo como ferramenta importante para o ensino aprendizagem, além de ter alcances terapêuticos.

A pesquisa de Souza e Santos (2015), objetiva descrever a partir de entrevistas semiestruturadas a ressonância do grupo e a motivação da permanência em mulheres que participavam frequentemente dos encontros realizados em um CAPSad. Houve a compreensão do grupo como fator fundamental para a reinserção social e no reestabelecimento de vínculos, prezando a autonomia. Além de corroborar para um espaço para a assistência à mulher na saúde mental.

Um grupo de pesquisadores (Padilha et al, 2016) procurou avaliar a melhora no nível de conhecimento de questões alimentares e nutricionais, hábitos alimentares e variáveis antropométricas, em pessoas obesas e com sobrepeso, pré e pós a participação em grupos operativos com o enfoque em reeducação alimentar. Foram 23 participantes usuários do NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) em Minas Gerais, com duração de oito encontros. Todas as variáveis medidas sofreram melhoras subsequentes ao grupo operativo.

Maia (2017) relata uma experiência de um grupo operativo desenvolvido com famílias no CRAS, neste grupo ocorriam atividades artesanais, onde se associavam a tarefa a conteúdos subjetivos. A sensação ao fim do grupo de modo geral é de satisfação, pelo fato de aprender e construir a partir de si e suas próprias vivências novos recursos.

Souza e Santos (2015) buscam explicar a morte por uma visão sócio antropológica e para isso utilizam um relato de experiência em grupo operativo em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), onde o assunto foi “luto”. Os participantes são a equipe de saúde, que através do grupo visa

procurar melhoras e ampliar o escopo teórico, prático, metodológico, além do relacionamento entre a equipe e entre a equipe e os usuários. A temática emergiu de questões particulares da equipe, muito presentes na prática de trabalho e na vida. Apresentam que o coletivo é necessário devido sua construção e desconstrução, “Este sofrimento só é visto no coletivo, pois é preciso um para ser ouvido e outro para ouvir” (Souza & Santos, p. 57).

Nascimento e Galindo (2017) visam compreender a partir de psicólogas e também coordenadoras de grupos operativos de um CAPS, o sentido que dão a esta atividade. Foram feitas entrevistas semi-dirigidas com cinco psicólogas. Os resultados apontaram divergências entre teoria e prática. A burocracia e demanda externa de se fazer grupos operativos influencia na mecanização deste processo grupal, apontando também a fragilidade na formação e às difíceis condições de trabalho (Nascimento & Galindo, 2017).

### Discussão

Os estudos demonstraram que apenas uma pesquisa não foi desenvolvida no Brasil, sendo esta realizada na Espanha.

Todos os estudos selecionados que apontam o contexto brasileiro, apresentam a utilização dos grupos operativos em duas áreas do sistema público, no campo da saúde, em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em modalidades Álcool e Drogas, Infantil, Unidade Básica de Saúde (UBS), Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), e no campo da assistência social como nos Centros de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), Núcleo de Assistência Social (NAS), Centro de Referência à Assistência Social (CRAS), corroborando com as recomendações do Ministério da Saúde (Brasil, 2004).

Nas redes de assistência social os próprios usuários fortalecem a utilização das práticas grupais, onde “se sentem motivados a participar das mesmas, recomendando muitas vezes para amigos e familiares” (Fernandes, Souza, & Rodrigues, 2019, p. 14), apontando para maior adesão e implicação, por identificarem os benefícios.

É notório que “a posição em favor do grupo se sustenta em uma clareza conceitual, com base no conceito de exclusão social, como processo sócio-histórico e simbólico que atinge de entrada a identidade do portador e a dos familiares” (Campos, Campos & Rosa, 2010, p. 506).

A reflexão de cada estudo nos apresenta a diversas possibilidades de trabalho, seja com pacientes com psicopatologias graves, em condições de vulnerabilidade social, ou com profissionais da saúde e assistência social. Pois como a aplicabilidade do grupo operativo se organiza de maneira estrutural, através do Esquema Conceitual Referencial e Operativo (ECRO), por ele é possível se aproximar da “compreensão horizontal (a totalidade comunitária) e vertical (o indivíduo nela inserido) de uma sociedade em permanente situação de mudança e dos problemas de adaptação do indivíduo a seu meio” (Pichon-Rivière, 2005, p. 171). Havendo como evolução da tarefa o desenvolvimento de um ECRO em comum e com mobilidade de papéis (Fernandes, 2003).

Entretanto, mesmo a partir de bons resultados, é necessário sempre manter a atenção na formação do coordenador do grupo, e observando a importância deste processo, se faz necessário uma fundamentação, que articula em diferentes níveis a práxis. Apreende-se então o caminho proposto por Freud (1919/2010) ao situar a transmissão da Psicanálise em seu texto “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades”, nos apresentando um processo de formação do analista, contemplando o estudo teórico, a análise pessoal e supervisão.

## Considerações Finais

A utilização do grupo operativo aponta benefícios para a saúde mental, é eficaz e demonstra a relação direta entre ensino-aprendizagem e uma boa saúde mental, além de aspectos positivos secundários que derivam de sua utilização, inserção social entre outros aspectos que variam de acordo com o contexto.

Entretanto, é necessário destacar que o grupo operativo é apenas mais uma ferramenta, observando-se a necessidade de trabalhos multidisciplinares como tentativa de dar suporte ao indivíduo em tratamento, à família e as demandas que deles derivam.

## Referências

- Braga, G., Kantorski, L., Coimbra, V., & Willrich, J.** (2015). Crianças e o conhecimento de si próprias a partir de histórias infantis. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 5(2), 327 - 338. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/2179769214678>.
- Brasil. Ministério Da Saúde.** (2004). *Saúde mental no SUS: OS Centros de Atenção Psicossocial*. Recuperado em 20 julho, 2019, de <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/118.pdf>.
- Campos, D. T. F., Campos, P. H. F., & Rosa, C. M.** (2010). A confusão de línguas e os desafios da psicanálise de grupo em instituição. *Psicologia: ciência e profissão*, 30(3), 504-523. Recuperado em 01 de abril de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932010000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300006&lng=pt&tlng=pt).
- Dutra, Wagner Honorato, & Corrêa, Rosa Maria.** (2015). O Grupo Operativo como Instrumento Terapêutico-Pedagógico de Promoção à Saúde Mental no Trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 515-527. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-370302512013>.
- Fernandes, Elaine Toledo Pitanga, Souza, Melissa Nathielle de Lima, & Rodrigues, Suely Maria.** (2019). Práticas de grupo do Núcleo de Apoio à Saúde da Família: perspectiva do usuário. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 29(1), e290115. Epub April 18, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312019290115>.
- Fernandes, Waldemar José.** (2003). A importância dos grupos hoje. *Revista da SPAGESP*, 4(4), 83-91. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&tlng=pt).
- Freud, S.** (2010). Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades? In S. Freud. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos"): além do princípio do prazer e outros textos*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S.** (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921).
- Ganong, L. H.** (1987). Integrative reviews of nursing research. *Research in Nursing & Health*, 10(1), 1-11.
- Lourenço, Regina Célia Celebrone, & Massi, Giselle Aparecida de Athayde.** (2016). Grupo operativo como espaço para atividades dialógicas junto a idosos. *Vínculo*, 13(2), 13-23. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902016000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902016000200003&lng=pt&tlng=pt).



- Maia, Anelisa Morais.** (2017). O atendimento em grupo operativo no cras: relato de uma experiência. *Vínculo*, 14(1), 1-8. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902017000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902017000100007&lng=pt&tlng=pt).
- Mello Filho, O.** (2003). Primórdios: Psicoterapia analítica de grupo – A trajetória de uma ideia e uma práxis. In W. J. Fernandes, B. Svartman & B. S. Fernandes (Org.), *Grupos e configurações vinculares* (Cap. 1, pp. 21-31). Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, M. C. S.** (2008). O desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo, R. Gomes, & Deslandes (Eds.), *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (27ª ed.) (pp. 9- 29). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S.** (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (10 ed.). São Paulo: Hucitec.
- Nascimento, Thays Maria do, & Galindo, Wedna Cristina Marinho.** (2017). Grupo Operativo em Centros de Atenção Psicossocial na opinião de psicólogas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 422-438. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200013&lng=pt&tlng=pt).
- Organização Mundial de Saúde (OMS).** (2001). *Relatório mundial da saúde. Saúde mental: Nova concepção, nova esperança*. Genebra: Organização Mundial de Saúde. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [https://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf).
- Padilha, V. S., Vaz, M. S., Lagres, E. B., Anastácio, L. R.** (2016). Efeito da participação em grupos operativos para redução de peso em conhecimentos e parâmetros nutricionais. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, 59(10), 250-259. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/463/400>.
- Pichon-Riviere, E.** (2005). *O Processo Grupal*. (7 ed.). São Paulo. Martins Fontes.
- Rézio, L., Moraes, P., & Fortuna, C.** (2018). Ressonâncias de um grupo na vida das mulheres de um serviço de saúde mental [Resonances of a group in the lives of women in a mental health service] [Resonancias de un grupo en la vida de las mujeres de un servicio de salud mental]. *Revista Enfermagem UERJ*, 26, e11359. doi: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.11359>.
- Santos, Manoel Antônio dos, Scatena, Liliana, Ferriani, Maria das Graças Carvalho, & Peres, Rodrigo Sanches.** (2015). Grupo operativo com adolescentes em um núcleo da assistência social: a questão da identidade de gênero. *Vínculo*, 12(1), 51-58. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000100008&lng=pt&tlng=pt).
- Sánchez, V. G. de la B., Limon, A. H., Gutiérrez, M. G., Hortal, M. N., Garcés, M. N.** (2015). Adolescence and groups: an experience following pichon-rivière's operative group model with adolescent population in a community mental health centre in Southern Spain. *Eur Child Adolesc Psychiatry*, 24, S231-S232. Recuperado em 02 de agosto de 2019, de <https://link-springer-com.ez58.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1007%2Fs00787-015-0714-4.pdf>.
- Souza, A. S. S. S., e F. S. Santos.** (2016). Histórias De Morte E Luto: Um Estudo sócioantropológico Da Vivência Da Morte Em Um Grupo Operativo No CRAS. *Revista De Psicologia*, Vol. 6, nº 2, 59-75, <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/2581>.
- Zimmerman, D. E., Osório, L. C.** (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Matheus Colombari Caldeira**

Psicólogo, Pós Graduando em Psicanálise pela Universidade de Franca - UNIFRAN, SP, Brasil e Mestrando (bolsista CAPES) em Psicologia e Saúde pela FAMERP – Faculdade de Medicina de Rio Preto, SP, Brasil.

E-mail: [mmaheuscaldeira@hotmail.com](mailto:mmaheuscaldeira@hotmail.com)

**Lazslo Antonio Ávila**

Psicólogo, grupoanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, professor livre docente da Faculdade de Medicina de Rio Preto, membro do NESME e da SPAGESP.

E-mail: [lazslo@terra.com.br](mailto:lazslo@terra.com.br)